

DESISTÊNCIAS EM FOCO

TRAJETÓRIAS DE JOVENS-ALUNOS QUE NÃO PERMANECERAM NO IFSUL CAMPUS CHARQUEADAS



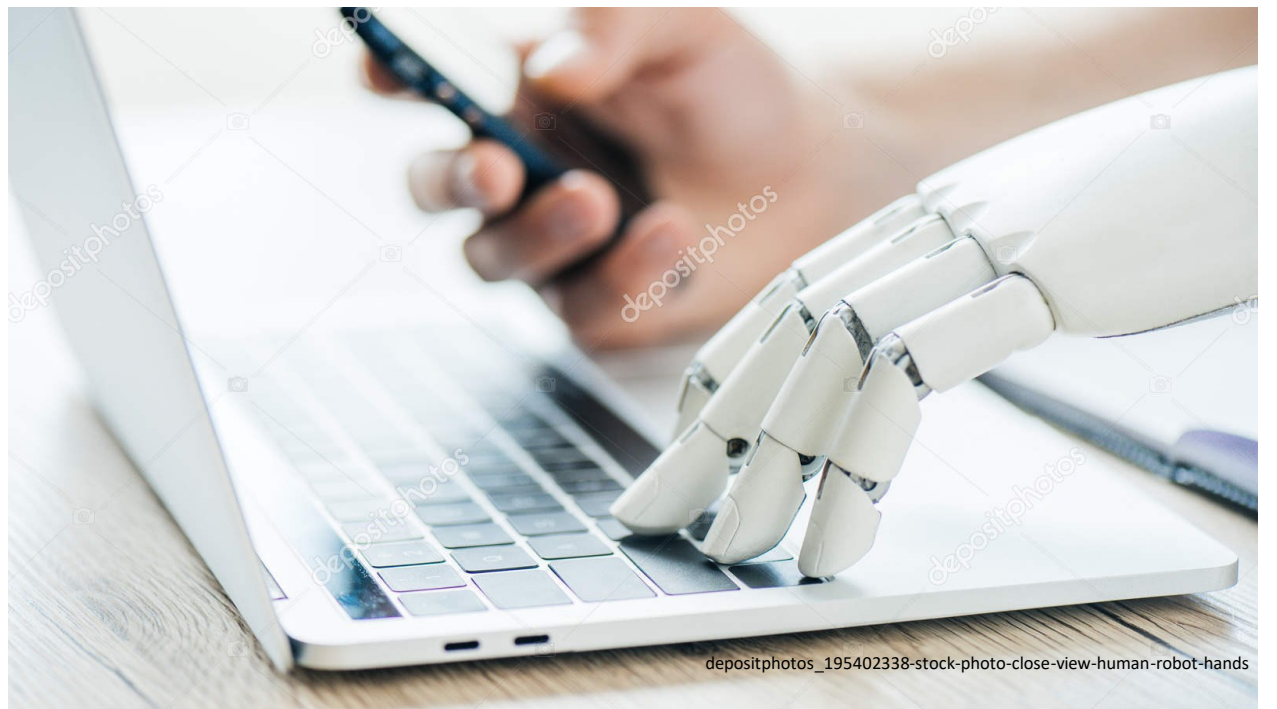
Portal de entrada do Instituto Federal Sul-rio-grandense
Campus Charqueadas

O mesmo portal de ENTRADA é também o de SAÍDA

Escolhas... por que fazê-las? Disseram que fazem parte da caminhada. Muitas já foram feitas. Algumas valeram a pena, outras nem tanto. No entanto, todas foram grandes mestras! Todos aprenderam muito com elas. Aprenderam inclusive que escolher desistir, escolher abandonar, não significa, necessariamente, fraqueza ou fragilidade pessoal. *Afinal, não caminharam sozinhos!*



PROJETO: Ter uma formação profissional qualificada e um diploma de alto conceito na sociedade – um curso em uma Instituição Federal de Ensino.



MECATRÔNICA e **INFORMÁTICA** são os cursos objeto desta viagem informativa.

Todos têm projetos: Os Institutos Federais de Educação têm o seu!

A partir da criação dos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, através da Lei nº 11.892/2008, o compromisso de fundamentar as práticas pedagógicas em princípios que norteiam a integração curricular ganhou força. A intenção é superar a dicotomia entre o ensino intelectual e o ensino técnico, articulando conhecimentos do trabalho, da ciência e da cultura.

Nas palavras de Eliezer Moreira Pacheco: “O que está posto para os Institutos Federais é a formação de cidadãos como agentes políticos capazes de ultrapassar obstáculos, pensar e agir em favor de transformações políticas, econômicas e sociais imprescindíveis para a construção de outro mundo possível”.

Os Institutos constituem-se, portanto, como um projeto político mais abrangente de perspectivas igualitárias de sociedade e de nação.

NESTA EDIÇÃO

**O QUE OS NÚMEROS
REVELAM**

**SABERES E FAZERES
DA INSTITUIÇÃO**

**A VOZ DOS QUE SE
FORAM! NARRATIVAS...**

TEMPO DE SER JOVEM

Autoria: Lucimeire Silva Staats

Certa vez ouvi dizer
que jovem não tem querer...
Afinal, não sabe fazer
e muito menos ser.

Ah...

Nada como um dia após o outro!
De olhos bem abertos e ouvidos atentos
descobre-se num dado momento
que pra falar sobre esse tempo
precisa-se mesmo é de conhecimento.

Tempo de ser jovem é tempo de espera...
Tempo de aprendizagens, de vivências e impaciências...
Tempo de tensões, de rolês, de contradições
e porque não dizer
Tempo de reinvenções.

Reinventam o tempo, os espaços, os seus mundos
E não ouvir o que eles têm a dizer
pode fazer crer
que são monstros vagabundos.

Quem hoje é adulto
jovem um dia foi
e pense num carrancudo
que pode se transformar depois.
Alguns olham para trás e dizem:
no meu tempo o jovem sabia respeitar
bastava a mãe, o pai
ou o professor olhar
pra gente se calar.

Os tempos são outros...
Os jovens não se calam tanto
Causam espanto!
Espanto no vestir, no falar
nos jeitos de se portar
desafiando quem quer ensinar
e algumas vezes dominar.

Nos tempos modernos,
jovens também são promessas de futuro
e precisam desde cedo
de um lugar seguro.

Mas que lugar será esse?

A escola! Dizem os adultos.

Daí inventaram os alunos.
Mas este lugar seguro
também inventado foi
e os jovens-alunos
de diferentes estilos e marcas culturais
aprendem que ali não tem espaço
para seus conhecimentos julgados banais.

Tem que se encaixar
receber sem questionar
se dedicar custe o que custar
para um futuro glorioso
conquistar.

Alguns desistem
outros dizem suportar
Ainda daqueles que ficam
sempre há os que afirmam gostar.

Enquanto o futuro não chega
o presente aqui está
por isso saibamos todos
sociedade, professores e jovens-alunos
este tempo aproveitar
reconhecendo uns nos outros
o seu valor singular.

Caro Leitor!

Os elevados índices de evasão nos cursos ofertados pela Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica têm provocado uma série de ações dentro dos Institutos Federais, no intuito de elaborar estratégias que visem à gradual redução desses índices e ao consequente aumento da permanência e êxito na Instituição, seguindo as orientações que constam na Nota Informativa N138/2015/DPE/DDR/SETEC/MEC, em cumprimento ao Ofício Circular Nº 60/2015 emitido pela Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica (SETEC) a todos os dirigentes da Rede Federal de Educação Profissional Científica e Tecnológica, após o Tribunal de Contas da União (TCU) – Acórdão nº 506/2013 verificar a evasão e retenção como índices de fracasso nos Institutos que compõem a Rede.

Nesse contexto de preocupação e busca de ações, encontra-se o Campus Charqueadas, pertencente ao Instituto Federal Sul-rio-grandense, onde foi desenvolvida uma pesquisa em nível de mestrado acerca dessas evasões/desistências nos cursos Técnicos Integrados em Mecatrônica e Informática, vinculada ao Programa de Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT), da qual resultou como produto educacional, o presente **Jornal Informativo**.

Sob a orientação da Profª Drª Daniela Medeiros de Azevedo Prates, a pesquisa intitulada Trajetórias de desistências de jovens-alunos do IFSul, Campus Charqueadas, propõe-se a apresentar formas de compreensão que ajudem no enfrentamento do fenômeno. A pesquisa tem como recorte temporal os anos 2016, 2017 e 2018 e focaliza apenas as evasões/desistências dos alunos que solicitaram formalmente suas transferências para outras Instituições de Ensino, a fim de nelas cursarem o Ensino Médio Regular.

Lucimeire Silva Staats

Mestranda do Programa de
Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica - ProfEPT
IF Sul-rio-grandense, Campus Charqueadas

NESTA EDIÇÃO

O QUE OS NÚMEROS REVELAM

Procura e oferta	p. 3
Quem entrou, quem saiu	p. 3
Tipos de acesso na Instituição pelos desistentes	p. 4
Transporte e alimentação	p. 4

SABERES E FAZERES DA INSTITUIÇÃO

As causas das desistências	p. 5
O que está sendo feito para evitar as desistências	p. 5

A VOZ DOS QUE SE FORAM

Trajetos e projetos de João.....	p. 6
Trajetos e projetos de Paulo	p. 7
Trajetos e projetos de Dazai Osamu.....	p. 8
Trajetos e projetos de Ana Carolina	p. 9
Nas entrelinhas	p. 11

O QUE OS NÚMEROS REVELAM

PROCURA X OFERTA

INTERESSE PELOS CURSOS DE MECATRÔNICA E INFORMÁTICA OFERTADOS NOS ANOS 2016, 2017 E 2018

Os cursos profissionalizantes de cunho tecnológico têm despertado o interesse de muitos jovens em todo o país. É o que dizem as pesquisas recentes realizadas nesta área.

No IF Sul, Campus Charqueadas, esta realidade vem repetindo-se anualmente, como mostram os números no quadro ao lado.

Embora o total de vagas ofertadas nos anos 2016, 2017 e 2018, tenha se mantido o mesmo para cursos de Mecatrônica e Informática, a procura foi sempre muito superior à oferta, inclusive aumentando gradativamente ano após ano.

Ao todo, nos três anos, 589 candidatos disputaram as 192 vagas ofertadas para o curso de mecatrônica e 659 candidatos disputaram as 192 vagas ofertadas para o curso de Informática.

Ciclo	Oferta		Procura	
	MCT	INF	MCT	INF
2016 a 2019	64	64	159	195
2017 a 2020	64	64	164	186
2018 a 2021	64	64	266	278

Legenda:

MCT - Mecatrônica

INF - Informática

Ciclo - Tempo de duração dos cursos



QUEM ENTROU? QUEM SAIU?

INGRESSANTES E DESISTENTES POR CURSO E POR SEXO

Ano	Ingressantes MCT		Transferências MCT		Ingressantes INF		Transferências externas INF	
	Fem	Masc	Fem	Masc	Fem	Masc	Fem	Masc
2016	19	45	5	5	32	32	10	5
2017	23	41	2	---	38	26	6	2
2018	17	47	1	3	36	28	1	2
Total	59	133	8	8	106	86	17	9

No Campus Charqueadas, quando se analisa mais de perto a ocupação das vagas e a posterior desistência de algumas delas, percebe-se algumas distinções entre os números por sexo.

De 2016 a 2018, ingressaram mais meninos (219) que meninas (165) na Instituição. No Curso de Mecatrônica, a maioria foi de meninos: ingressaram 133 meninos e 59 meninas. Já no Curso de Informática a maioria foi de meninas: ingressaram 106 meninas e 86 meninos.

Entre aqueles que desistiram dos cursos e solicitaram sua transferência para outra Instituição de Ensino, percebe-se que a maioria

foi de meninas: 25 no total, 8 do Curso de Mecatrônica e 17 do Curso de Informática. Entre os meninos, 17 desistiram: foram 8 do Curso de Mecatrônica e 9 do Curso de Informática.

“Fatos que evidenciam a necessidade de uma compreensão das condições existentes, quando reconhecemos a diversidade e desigualdade que podem perpassar as trajetórias dos jovens.”

TIPOS DE ACESSO NA INSTITUIÇÃO DAQUELES QUE SAÍRAM ANTES DE CONCLUIR O CURSO

A Lei 12.711 de 29 de agosto de 2012 determinou que as Instituições Federais de Ensino ofertassem 50% de suas vagas exclusivamente aos alunos egressos de Escola Pública, aliando também as questões de renda, cor, raça e deficiência.

No Campus Charqueadas dentre os 42 alunos que saíram, 40 haviam cursado todo o Ensino Fundamental em Escola Pública. Destes, 23 ingressaram valendo-se do direito previsto na referida Lei e 17 ingressaram por Acesso Universal.

Assim, é mito...

Que alunos de Escola Pública somente ingressam pelos benefícios da Lei 12.711/12.

Que as melhores notas de ingresso são alcançadas apenas por alunos da Rede Privada.

Assim, é fato...

Que se pense quais outros fatores, além do conhecimento, estão influenciando para que tantos alunos de Rede Pública desistam de sua formação no IF Sul, ainda que tenham alcançado notas suficientes ao ingresso por Acesso Universal.

Conclusão do Ensino Fundamental		Tipo de acesso				
Rede Pública	Rede Privada	AU	L1	L2	L3	L4
40	2	19	7	1	13	2

Legenda:
 AU - Acesso Universal - para todos, independentemente de algum critério específico.
 L1 - Candidatos com renda familiar bruta *per capita* igual ou inferior a 1,5 salário mínimo e que cursaram integralmente o Ensino Fundamental em Escola Pública.
 L2 - Candidatos autodeclarados pretos, pardos ou indígenas, com renda familiar bruta *per capita* igual ou inferior a 1,5 salário mínimo e que cursaram integralmente o Ensino Fundamental em Escola Pública.
 L3 - Candidatos que, independentemente de renda, cursaram integralmente o Ensino Fundamental em Escola Pública.
 L4 - Candidatos autodeclarados pretos, pardos ou indígenas que, independentemente de renda, cursaram integralmente o Ensino Fundamental em Escola Pública.

TRANSPORTE E ALIMENTAÇÃO

FATORES QUE PODEM DEFINIR A PERMANÊNCIA OU A SAÍDA DO ALUNO

RESIDÊNCIA			AUXÍLIOS RECEBIDOS		
Cidades	Distância até o Campus	Número de alunos	Transporte e alimentação	Transporte	Alimentação
Arroio dos Ratos	20 Km	4	1	-	-
Butiá	46 Km	4	2	-	-
Charqueadas	-	17	4	-	1
Eldorado do Sul	40 Km	2	-	1	-
General Câmara	21 Km	3	-	-	-
Minas do Leão	51 Km	2	1	-	-
São Jerônimo	12 Km	10	4	-	-

Os números acima revelam a importância da abrangência da Instituição na região, demonstrando a eficácia do alcance educacional previsto no Plano de Expansão da Rede Federal de Educação Profissional, a partir da Lei 11.195/2005, mediante a criação de novas Unidades de Ensino, das quais faz parte o Campus Charqueadas.

Dos 42 desistentes:

- 25 residiam em cidades vizinhas a Charqueadas (cidade sede do Campus). Destes, apenas 8 alunos se valiam de Auxílio Transporte + Alimentação e um aluno se valia apenas de Auxílio Transporte.
- 17 residiam em Charqueadas. Destes 4 se valiam de Auxílio Transporte + Alimentação e um aluno se valia apenas de Auxílio Alimentação.

Por outro lado, os números revelam também os desafios desta expansão, considerando que as transferências ocorreram em maior número entre os jovens que não residiam na cidade de Charqueadas.

“Assim sendo, é preciso que no processo formativo sejam consideradas as diferentes e desiguais condições de acesso e permanência que perpassam a trajetória dos alunos.”

Todas essas informações demonstram o quanto a democratização do acesso à Rede Federal de Ensino implica envolvimento e comprometimento com as questões socioeconômicas, culturais e educacionais dos jovens-alunos, que podem ser determinantes em suas escolhas,



tanto para o ingresso na Instituição, quanto para seu abandono.

Os auxílios no quadro acima estão previstos no Plano Nacional de Assistência Estudantil (PNAES), através do Decreto n. 7.234/2010, que prevê uma lista bem maior de benefícios aos estudantes. Para maiores informações, consulte <http://portal.mec.gov.br/pnaes>

SABERES E FAZERES DA INSTITUIÇÃO

As causas das desistências apontadas pelos gestores dos cursos

- A falta de identificação com o curso, mais em função das disciplinas técnicas que são as mais difíceis.
- Reprovação.
- Dependência.
- Notas ruins, levando os pais a acreditarem que colocando seus filhos em uma escola de Ensino Médio Regular, sem disciplinas técnicas, eles podem melhorar.
- Questões de transporte.
- Chegam despreparados e não conseguem dar conta das exigências do curso.
- Obtenção da certificação do Ensino Médio através do Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos (ENCCEJA), que lhes dá a oportunidade de iniciar o Ensino Superior.

Das causas apontadas depreende-se responsabilidades que são exclusivamente dos alunos, devido a situações que eles mesmos criaram ou que dizem respeito somente a eles. Foi o que aconteceu, por exemplo, com os jovens que escolheram o curso sem procurar saber do que se tratava e depois descobriram que não se identificavam com ele. Foi provavelmente o que aconteceu também àquelas que chegaram à instituição com déficit de conhecimentos e não conseguiram dar conta das exigências do curso, reprovando e ficando em dependência, até desistirem de uma vez. Pertencer a uma família que não possuía condições de custear o transporte escolar foi outra situação que fatalmente levou alguns a desistirem da formação. A preferência por uma formação mais fácil e mais rápida também motivou a troca de um Ensino Médio técnico por um Ensino Médio não profissionalizante e, por fim, o desejo de entrar

o quanto antes no Ensino Superior fez com que outros fossem buscar a certificação do Ensino Médio via ENCCEJA.



EMBORA OS GESTORES TENHAM CITADO APENAS AS CAUSAS LISTADAS ACIMA, ELES RECONHECEM QUE SE TRATA DE UM NÚMERO BEM MAIOR.

OUTROS FATORES CAUSADORES DA EVASÃO

Matriz curricular com grande número de disciplinas num mesmo período letivo	Interno	ESTRUTURA CURRICULAR
Subutilização dos horários de atendimento	Interno	
Carga horária elevada e multiplicidade de componentes curriculares, que dificulta a preparação das aulas	Interno	
Poucas palestras e atividades do curso	Interno	
Oferta reduzida de aulas práticas	Interno	
Distribuição curricular inadequada	Interno	
Poucas oportunidades de iniciação científica	Interno	INFRAESTRUTURA E POLÍTICAS INSTITUCIONAIS
Falta de estrutura para acomodar o aluno em tempo integral, especialmente à maioria não residente em Charqueadas	Interno	
Rotatividade de professores	Interno	
Carga horária elevada dos professores	Interno	
Turmas cheias, que dificultam o atendimento à demanda individual de cada aluno	Interno	MOBILIDADE E LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA
Oferta escassa de transporte público em horários que atendam aos alunos que vêm no turno oposto	Externo	

O QUE ESTÁ SENDO FEITO PARA EVITAR AS DESISTÊNCIAS

- Após a identificação dos possíveis desistentes, diálogos em busca de uma compreensão mais ampla do problema, ao mesmo tempo em que se busca revertê-lo. Esses diálogos podem envolver, a depender de cada caso e, não necessariamente, todos ao mesmo tempo, o aluno e seu responsável, coordenadores, professores, orientadora educacional, supervisora de ensino etc.
- Discussão nos Conselhos de Classe, para a definição de encaminhamentos.
- Encaminhamento do aluno e, a depender do caso, de seus responsáveis ao serviço de psicologia e assistência social.
- Encaminhamento do aluno ao “atendimento”, uma espécie de reforço escolar, em horário especial com os professores.
- Implementação de projetos individuais por parte dos docentes.

PEIPEE

Os fatores da evasão no quadro ao lado são apenas alguns de uma lista bem maior que se encontra no Plano Estratégico e Institucional de Permanência e Êxito dos Estudantes do IFSul (PEIPEE), voltado ao enfrentamento sistêmico e local dos fracassos escolares, vinculados ao Campus Charqueadas. Estes, no entanto, foram destacados, por estarem mais relacionados ao Ensino Médio Técnico no intuito de mostrar que as desistências não são de exclusiva responsabilidade dos alunos, mas também das Políticas Institucionais, dos fazeres em cada Campus e das questões estruturais externas à Instituição.

O PEIPEE foi elaborado nos moldes da Nota Informativa Nº 138/2015/DPE/DDR/SETEC/MEC, em cumprimento ao Ofício Circular Nº 60/2015 emitido pela Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica (SETEC) a todos os dirigentes da Rede Federal de Educação Profissional Científica e Tecnológica, após o Tribunal de Contas da União (TCU) – Acórdão nº 506/2013 – verificar a evasão e retenção como índices de fracasso nos Institutos que compõem a Rede. O Plano, constitui-se, portanto, em apoio conceitual e metodológico na implementação de ações sistêmicas e locais articuladas ao enfrentamento da evasão, com vistas à gradual redução de seus índices e ao consequente aumento da permanência e êxito na Instituição. Para maiores informações, consulte <http://www.ifsul.edu.br/2015/item/536-peipee>

A VOZ DOS QUE SE FORAM! NARRATIVAS...

TRAJETOS E PROJETOS DE JOÃO (pseudônimo)



João chegou ao local da entrevista antes do horário combinado. Percebendo a minha aproximação, voltou-se pronta e simpaticamente em minha direção. Conforme o protocolo do novo normal em contexto de pandemia (COVID-19), cumprimentamo-nos e, enquanto nos acomodávamos, seus gestos, acompanhados por gentis palavras, demonstravam certa satisfação por haver sido convidado a fazer parte da pesquisa e davam pistas do quão fluido seria o diálogo.

Buscando na memória lembranças de si em tempos que antecederam seu ingresso no campus, destacou, com um largo sorriso no rosto, o gosto pelas brincadeiras na rua com os amigos e, baixando o tom da voz, lamentou o fato de ter sido “meio desligado” na escola, já que “era quietinho”, “não incomodava”, porém “não fazia também as coisas”. Confessou que sempre sentiu dificuldade em “manter o foco” e que recebeu tratamento para hiperatividade até os 15 anos. Toda essa situação custou-lhe reprovações na 5ª, 6ª e 7ª séries do Ensino Fundamental, cursado integralmente em uma pequena escola da Rede Estadual. Diante desse quadro de dificuldade, a aprovação em um curso técnico integrado ofertado por uma Instituição Federal de Ensino representou para além de uma conquista, a superação de adversidades, deixando a todos – professores, pais, parentes e ele próprio – muito felizes.

Entretanto, ser aluno no IFSUL não era um objetivo que perseguia, até porque não sabia nada a respeito dos cursos ofertados e sequer conhecia alguém que fosse ou tivesse sido aluno na Instituição, para lhe falar a respeito. Na realidade, sua ida ao Instituto deveu-se simplesmente à aceitação de um conselho que recebeu:

[...] na 8ª série tinha entrado uma professora nova de Inglês e, perto da formatura, ela tinha me indicado... quer dizer, momentos antes ela disse: ah! tem o IFSUL, por que tu não faz a prova? Aí eu recebi a indicação dela, fiz a prova, aquela mesma coisa de antes, fiz sem estudar, sem nada, e ainda consegui passar.

A escolha do que iria cursar foi de sua total responsabilidade e, ainda que não conhecesse as especificidades dos cursos ofertados, a decisão de cursar o Técnico em Informática não foi totalmente aleatória. Assim, sem a influência de seus pais ou de outrem, fez a opção a partir daquilo que julgou se encaixar melhor em seu perfil e do que já conhecia de informática:

Eu preferia mecatrônica, mas devido a condição da mão, eu optei por informática. Eu não sei o que é que eu tenho, mas eu não consigo manter as mãos muito firmes. Então, na mecatrônica eu ia ter um pouquinho mais de dificuldade. É, inclusive eu optei mais pela informática porque eu já fazia curso também e daí já dava, pelo menos eu achei, mas foi totalmente diferente (risos).

Do conselho recebido até a sua chegada ao campus, as movimentações, as preocupações e emoções voltaram-se todas à decisão do que cursar, à inscrição no processo seletivo, à realização da prova e, caso fosse aprovado, à efetivação da matrícula, bem como às questões envolvendo moradia e locomoção. Enquanto tudo isso foi acontecendo, disse não ter pensado sobre como seria o curso ou sobre o que significaria para si ser um profissional na área da Informática e concluiu: “Eu peguei, fui só, não criei expectativa”.

Diante de seus olhos, o “novo mundo” ocupado por tantas pessoas desconhecidas, com as quais passaria inevitavelmente a conviver, impactou de alguma forma os seus sentimentos.

Olha, eu tive muita, muita dificuldade, porque como eu vim de uma escola pequena, a minha turma [...] tinha nove a dez alunos [...], e aí cheguei lá, era muita, muita

gente, me senti muito perdido [...].

[...] comparado com o lugar que eu venho, é uma escola de outro mundo [...]. Só a parte do refeitório, [...] aquele salãozinho, era a minha escola.

Na verdade, foi um pouco difícil, devido ao fato de eu não tá acostumado a me dar com multidões.

Impactado, mas sentindo-se ao mesmo tempo acolhido, foi aos poucos perdendo o “medo de multidão” e “fazendo amizades”. A satisfação nas relações interpessoais alcançou, além dos colegas, os técnicos administrativos, docentes e terceirizados. Da parte dos técnicos administrativos, porque sempre que necessitava de seus serviços, “faziam o possível pra tentar ajudar”. Já em relação aos professores, afirmou: “**Todos os professores me tratavam super bem**”.

Embora tenha existido uma certa tranquilidade nas relações, o mesmo não ocorreu em relação ao curso e suas exigências. Algumas afirmações proferidas – “apanhei bastante”, “passei muito trabalho” – em referência ao seu percurso formativo indicam a inquietação vivida:

Apanhei bastante. [...] o máximo que eu aprendi foi o básico no computador, daí tinha disciplina que eu nunca tive, nem sabia da existência, né. Foi muito difícil. Eu não consegui pegar.

Todas as disciplinas que eu tive no IFSUL eram totalmente diferentes do que eu aprendi lá no fundamental. [...] Passei muito trabalho. Eu fiz o possível, se eu não conseguisse copiar, eu tentava pegar, pegar, pegar, aí quando começou a acumular, daí eu comecei a desanimar.

Era muita coisa. Inclusive [...] tu tinha que apresentar um trabalho e entregar mais dois, três no mesmo dia. Quando os professores dão prazo, eles não adiam mais.

Refletindo acerca das disciplinas, destacou duas como sendo as mais fáceis em comparação com as demais. Uma, da área técnica, porque já possuía algum conhecimento prévio do conteúdo que era ensinado e outra, da área propedêutica, porque o professor tinha um método de ensinar que tornava “fácil de entender” o conteúdo. O método ao qual se referiu era “uma espécie de oficina de aprendizado”.

No que diz respeito ao recebimento de ajuda nas dificuldades que sentia para compreender o que lhe era ensinado, disse não ter havido nem por parte dos professores ou de outros profissionais na instituição, nem por parte da família, mas atribuiu toda a responsabilidade a si próprio, ao seu jeito de ser:

Nesse caso, isso vinha da minha parte [...]. Eu tenho dificuldade de me comunicar, daí eu não consigo procurar. Alguma coisa me fecha, tenho dificuldade de me comunicar.

Se eu fosse uma pessoa mais aplicada, nesse caso, mais empenhado em relação as coisas. Muitas vezes o professor perguntava se eu entendia, mas mesmo não entendendo, eu acabava falando que entendia, até porque, pelo fato da vergonha e tudo mais, fica difícil se abrir. Sempre tive dificuldade em pedir ajuda, daí complica.

[...] meu pai tá com 66 anos, estudou até a quarta série se não me engano, a minha mãe até a 8ª, então eles não conseguiam ajudar com o conteúdo [...]. Em relação também que, eu sempre na minha, até em casa, nunca fui de me abrir, de pedir ajuda.

1

Solitário na caminhada, afirmou que “ao menos tentava” solucionar suas dificuldades ora alcançando livros na biblioteca “pra fazer trabalho”, ora estudando pela internet através dos computadores do campus e do *notebook* que ganhou de presente do pai por ocasião da aprovação no processo seletivo. Assim, à medida que os problemas foram se agravando e sem perspectivas de vencê-los, a saída encontrada foi afastar-se deles gradativamente até desistir totalmente do curso:

Quando eu entrava na sala de aula, ficava quieto no meu canto [...]. Conforme foi acumulando conteúdo, acumulando, acumulando, dando mais trabalho ainda, às vezes eu ia e não entrava na aula. Eu ia pra convivência, eu ia pra quadra jogar com os guris.

Distanciando-se, não incomodava e não era incomodado. Sentia-se livre, enquanto “matava aula”. Seus pais não eram avisados do fato e sabia também que não seria encaminhado de volta à sala de aula:

O máximo que podia acontecer era alguém ir reclamar e mandar o pessoal sair da quadra.

Na convivência, às vezes, ficava vendo vídeo no YouTube e jogava carta com os amigos, de boas.

Fugir dos problemas, ainda que dentro do próprio campus, também significava a busca por um equilíbrio entre o enfado decorrente das exigências constantes do curso e a fase da vida em que se encontrava, na qual lhe parecia ser fundamental também a convivência na “rodinha de amigos”:

Pra ser aluno tu tem que ter foco [...], tu tem que prestar atenção no que o professor tá falando, prestar atenção na aula. E ser jovem é tá com os amigos, sempre disposto. Tu não precisa prestar atenção em nada, tu só faz as coisas junto com os outros por fazer, pra se divertir.

No IF não existe meio termo. [...] tu abre mão do teu lado pessoal. Tem que focar cem por cento nos estudos.

[...] é bastante conteúdo, trabalho em cima de trabalho. Dependendo [...] da cabeça da pessoa, pressiona bastante, porque devido a pessoa se esforçar, se esforçar, pode bater uma frustração e ela ficar muito mal [...].

As dificuldades enfrentadas não estavam, entretanto, restritas apenas às exigências de sua formação e muito menos aos limites estabelecidos pelos muros escolares. Somavam-se a elas também todas as implicações de haver saído da cidade onde morava e do aconchego da casa de seus pais, a fim de tornar mais fácil o trajeto diário até o campus:

Eu moro para o interior [...]. É uns 13km longe do centro, mais ou menos. Ia ser difícil ir para o centro e pegar o transporte. Ia ser difícil arrumar transporte para voltar para casa também.

Primeiro eu fiquei um ano, mais ou menos, na casa do meu irmão, não deu certo. Depois do meu irmão fui pra casa da minha tia. Não deu certo também. Muita confusão na família dela e eu não gosto desse tipo de

TRAJETOS E PROJETOS DE JOÃO ... CONTINUAÇÃO

ambiente. Também se tornou chato tá na casa dos outros de favor.

Por fim, após esses relatos, avaliou sobre o que a instituição poderia fazer, a fim de impedir que outros jovens, assim como ele, desistissem da formação e fez as seguintes colocações:

É difícil prestar atenção em todo mundo, mas os professores têm que tomar mais cuidado e perceber os alunos que tão com dificuldade [...] e não conseguem se abrir, como foi o meu caso.

Eles deveriam prestar um pouquinho mais de atenção do lugar de onde os alunos

vêm. Tem uns que tem um Ensino Fundamental um pouquinho mais fraco [...].

Tinha dias que tu tinha que apresentar projeto de pesquisa [...] e mais uns dois trabalhos pra outros professores no mesmo dia. Isso exige bastante. Fica enorme e fica difícil focar num trabalho pra fazer ele bem feito.

Atualmente, no gozo de sua maior idade, João encontra-se cursando o Ensino Médio Regular e trabalhando numa instituição voltada ao atendimento de pessoas com deficiência múltipla e intelectual, o que lhe dá a possibilidade de ajudar nas despesas da casa de seus pais com quem, segundo ele, “ainda” mora.

TRAJETOS E PROJETOS DE PAULO (pseudônimo)



A passos largos devido ao adiantado da hora, Paulo compareceu à entrevista trazendo em seu semblante um olhar curioso, disfarçado por um tímido sorriso. A uma certa distância, à maneira do já mencionado novo normal, cumprimentamo-

nos e logo demos início ao diálogo. Frente à frente, a simplicidade necessária ao momento aconteceu lentamente, ora parecendo avançar, ora retroceder. Entre avanços e retrocessos, no entanto, os breves acenos com a cabeça ou um “aham” do entrevistado como respostas ao que ia sendo perguntado foram cedendo lugar às palavras, num processo de reconhecimento de si, ao mesmo tempo em que se deixava conhecer pela pesquisadora, a partir do que lhe parecia ser significativo comunicar.

Aos 18 anos de idade, Paulo preenche seu tempo com um trabalho temporário na área da saúde, com os estudos no Ensino Médio Regular e as atividades culturais no município onde reside. Diz gostar do que faz em seu trabalho e sente-se feliz com a escola. Externou ainda o desejo de ser um profissional na área da Educação Física, mas negou-se a dar detalhes sobre seus sonhos ou projetos de futuro.

Antes de ser aluno no Campus Charqueadas cursou todas as séries do Ensino Fundamental na rede Pública Estadual e descreveu a si mesmo, à época, como “muito quieto”, já que “estudava bastante [...] e só saía sábado de manhã”. Disse ainda que “não tinha muitos amigos”, “não era muito de conversar”, “não era muito social” e “só interagia com as amigas do colégio”.

Sua ida ao IFSUL, “provavelmente”, segundo afirmou, não teria ocorrido se não fosse a insistência da família. Apesar disso, a decisão de cursar o Técnico em Informática foi exclusivamente sua, a partir de algumas informações que buscou, pois “não fazia ideia” do que os cursos tratavam. Esses foram os seus relatos:

Era mais uma vontade da minha família. A minha mãe cobrava bastante pra estudar no IF, que o IF era uma escola boa, essas coisas assim. Aí, eu e minhas amigas do colégio, a gente fez a inscrição pra fazer a prova e entrar, estudar lá.

[...] eu perguntei pro meu primo, que ele faz mecatrônica, aí ele me falou o que eles faziam. Eu pensava que mecatrônica era só aquela coisa de robô e solda e achei que não tinha muito a ver comigo.

De toda forma, mesmo sem expectativas em relação ao curso, em relação ao processo seletivo, quando soube de sua aprovação ficou “feliz”. Sobre a reação de sua família ao fato, apenas balançou a cabeça para cima e para baixo dizendo que sim, que havia ficado feliz também.

Das amigas que participaram do processo seletivo, somente uma passou. De toda forma, não iniciar a nova jornada sozinho, tornou mais fáceis as primeiras experiências voltadas à construção de novas relações dentro da Instituição. E foram

justamente essas novas relações que mais lhe causaram sensação de bem estar e acolhimento: **“No início foi tranquilo, no início foi tranquilo, eu me enturmei bastante com o pessoal”.**

Entretanto, passada a fase inicial – de calma, de acolhida, dos reconhecimentos e entrelaçamentos – ou “depois de um tempo lá”, conforme as palavras de Paulo, a tranquilidade foi pouco a pouco perdendo espaço para a agitação. Uma agitação extremamente desagradável e perturbadora de suas emoções: **“Ah! é que eu fiquei muito... como é que eu vou dizer? Eu fiquei um pouco problemático psicologicamente”.**

Nessa nova fase, algumas ocasiões eram como o participar de uma corrida com obstáculos que iam se multiplicando à sua frente levando-o à exaustão. Ou seja, era uma corrida sem aquele ponto onde não há mais barreiras para transpor e os atletas, independentemente da colocação, param obrigatoriamente, descansam, repõem as energias, refletem sobre o percurso e avaliam o seu rendimento em conjunto com os técnicos para, logo em seguida, prosseguirem rumo a uma nova corrida:

Às vezes, eu ficava no IF tipo o dia todo com os meus amigos. A gente fazia grupo de estudos pra quando tinha prova. Quando tinha trabalho a gente ficava também pra não deixar acumular, porque sabia que depois que acumulasse ia ser um caos sério. E aí a gente sempre tentava evitar o acúmulo de coisas. Aí, quando começou [...] muita coisa acumulada e eu não sabia o que fazia, ficava nervoso, surtava.

É que tinha alguns professores que não eram tão colaborativos, é isso. Que diziam: “Não vou explicar” [...]. Complicavam muito as disciplinas, não ajudavam, aí não tinha como conversar com eles porque era um “Deus nos acuda”. Tinha vezes que eu ficava estressado, eu parava de copiar, eu saía da sala, não voltava.

Eu gostei do curso, só que aí, como eu não tava me sentindo bem, eu (pausa) ah! [...] Vou sair porque eu não consigo mais.

Com os colegas, no intuito de resolver esses problemas, buscou ajuda da Instituição, pois acreditava que **“se as metodologias de alguns professores não fossem tão complicadas, não fossem tão cansativas”** ajudariam bastante e, provavelmente, não ocorreriam tantas desistências:

Até uma vez, a gente juntou vários alunos pra reclamar [...] por causa dos mesmos problemas e nunca deu em nada.

Já chamaram pais e chamaram professor e direção, mas nunca mudou. Até o final do ano que eu fiquei [...], não mudou.

Percebendo que as reclamações não surtiam mudanças, mesmo sentindo-se sem energia para prosseguir e abalado em suas emoções passou a esquivar-se de alguns profissionais que o procuravam oferecendo ajuda:

Dentro da escola ela tentava falar comigo sempre. Às vezes fugia dela. Depois ela marcava uma conversa, eu não ia, não comparecia pra conversar.

[...] elas me procuravam, me chamavam na sala, me mandavam mensagem no zap. Às vezes, eu aparecia lá pra dar um oi, conversar, assim, por cima, não entrar em detalhe. Não sei. Não sei o que acontecia.

Quando eu ficava assim todo, como vou dizer, sem saber o que fazia, eu não gostava muito de conversar, gostava de ficar calmo.

Por um instante, em meio ao relato de lembranças tão desconfortantes, de súbito, falou que o IF “tem coisas boas também” e destacou:

Às vezes sinto saudades do IF, tipo, de algumas matérias que eu gostava e até de uma que eu nem gostava, mas eu amava demais a aula [...]. Era um momento que a gente só aprendia, ao mesmo tempo, tipo, conversava.

Eu sempre me dei bem com alguns professores. Alguns que eu andava, por exemplo, a gente conversava no intervalo, já almocei [...]

Antes de eu entrar no IF, eu não interagia muito socialmente. Aí lá eu fiz mais amigos, também comecei a conversar mais.

Tinha disciplina que sobrecarregava, mas era divertido.

As amizades construídas dentro do campus continuam “importantes até hoje”. Mais que colegas, ele tem amigos que o “ajudam bastante”. Inclusive, a sua decisão de permanecer por um pouco mais de tempo na Instituição e procurar vencer os problemas foi tomada em uma conversa que tiveram:

Eu conversei com os meus amigos e aí eu falei que eu não ia desistir, que eu ia conseguir passar [...]. Eu disse: eu vou conseguir.

Refletindo sobre as exigências do curso para um público tão jovem, disse acreditar que o excesso de estudos não atrapalha totalmente as vivências juvenis, mas “sobrecarrega”, já que conhece “[...] bastante gente também que teve problemas e teve que tomar remédios pra conseguir se manter [...]”. Nesse sentido, disse ainda entender que ser jovem e ser aluno estão “lado a lado”, já que estudar “faz parte de ser jovem” e finalizou:

Tu precisa do teu estudo pra no futuro tu ser alguém, mas também tem que aproveitar, porque tudo em excesso faz mal.

2

TRAJETOS E PROJETOS DE DAZAI OSAMU (pseudônimo)

3

Com a terceira entrevistada, Dazai Osamu, o encontro deu-se de forma virtual. Entretanto, ainda que virtualmente, ao ver a imagem dessa jovem de 19 anos e ouvi-la pronunciar um simpático e atencioso “oi”, a primeira impressão, confirmada ao final da entrevista, foi a de que estava totalmente disposta para aquele momento. Na busca por privacidade, optou por estar em seu quarto durante todo o diálogo que, apesar de breves interrupções devido a falhas no sinal da internet, se manteve muito produtivo.

Dazai iniciou seus relatos falando brevemente de si e de algumas experiências vividas antes de começar sua trajetória no IFSul. Ela era de muitos amigos, dispunha de tempo para divertir-se e costumava passear. Sempre estudou em Escola Pública e “era uma pessoa que não precisava meio que estudar pra passar em matéria [...]”. Certa vez, por ocasião da Mostra de Ciências e Tecnologia (MOCITEC), esteve no Campus Charqueadas, representando a escola onde cursava o Ensino Fundamental. Foi premiada pelo trabalho apresentado e confessou ter gostado do ambiente e das pessoas.

Buscando em sua memória os detalhes do processo de escolha da escola na qual cursaria o Ensino Médio e do tipo de formação que realizaria, lembrou que a dúvida foi sua companheira por algum tempo. E apesar da experiência exitosa que teve no campus durante a MOCITEC, decidir entre o IFSul e a escola em sua cidade requereu tempo e escuta:

Eu tava meio em dúvida se eu ia pro IFSUL [...]. O que me fez ir, na verdade, foi uma amiga minha. Ela deu a ideia. Ela ia fazer o curso de mecânica porque a prima dela tinha feito.

Eu não conhecia nada, eu só avaliei que eu não queria fazer informática. Meu pai já tem uma base do que é mecânica, eletrônica, porque ele trabalha com esse tipo de coisa. Então eu pensei, ah! se eu precisar de alguma ajuda com algo, eu tenho uma base em casa, né?

Após aceitar a ideia da amiga e decidir que também iria disputar uma das vagas do curso Técnico em Mecatrônica, comunicou o fato aos seus pais, os quais, segundo relatou, “nem tinham ouvido falar direito do IFSul”. De toda forma, suas reações à novidade foram positivas, ainda que tivessem apresentado um certo desgosto:

Reagiram bem. Eles gostaram bastante da ideia, só que o fato de ser um ano mais que o Ensino Médio normal, eles não gostaram muito. Mas isso não influenciou em muita coisa, porque eles ficaram bem felizes quando eu disse que ia pra lá.

Focada em concretizar a decisão tomada, buscou reforçar os conhecimentos para o processo seletivo em um curso preparatório. Achou a prova fácil e avaliou que “teria passado igual” ainda que não tivesse realizado o curso. Conquistada a vaga, disse ter chegado à Instituição sem nenhum tipo de expectativa em relação à formação que buscava, a não ser, alguns receios acerca das situações que, sozinha, passaria a enfrentar daquele momento em diante:

Na verdade, eu não sei o que que eu pensava naquela época, porque eu só fui. Fui por influência e eu não sabia o que esperava, porque eu não conhecia ninguém que estudava lá, alguém que eu pudesse

conversar sobre isso. Então, eu só quis experimentar uma coisa nova e eu fui.

Expectativa, eu acho que eu não tinha. Eu tinha mais medo de como ia ser, porque eu ia tá sozinha. Minha amiga acabou se mudando, então, ela não pôde ir comigo e eu tava sozinha, eu não conhecia ninguém e eu tava assustada.

O medo com que chegou à Instituição foi pouco a pouco cedendo lugar à sensação de bem-estar, graças às relações percebidas e às que foram sendo construídas. Avaliou que se tratava de um ambiente “muito aconchegante pro aluno”, recordando com ar de satisfação as aproximações tímidas entre os colegas da turma no primeiro dia de aula, das quais algumas resultaram em duradouras amizades, e a forma como os professores se relacionavam com os alunos.

Quando eu cheguei lá, [...] parecia que tava todo mundo meio assustado ainda. Ninguém falava nada na sala de aula, ninguém conversava muito bem. Todo mundo meio tímido, mas no primeiro dia, já, acho que toda turma meio que se enturmou um pouco. Até hoje, eu sou amiga da maioria das pessoas da minha turma [...] e tem algumas que eu converso com bastante frequência. [...] Então, ser amiga dessas pessoas ainda, é um bom sinal.

[...] na Escola de Ensino Fundamental tinha meio que uma separação de professor e aluno, então a gente não conversava, não era meio que amigo um do outro, e lá no IF parece que os professores não têm esse problema, sabe? Tu pode conversar com eles como se tu fosse uma pessoa normal e não só um aluno dentro da sala de aula.

Sobre o curso escolhido, disse não ter desgostado totalmente. Os professores da área técnica, segundo sua avaliação, eram “bem legais” e “bem abertos” para ouvir e ajudar os alunos. Externou com certo entusiasmo que se saiu “bem” nas áreas de Mecânica e Desenho, áreas das quais gostava “muito, muito, muito”. E acrescentou: “Eu me achei, assim”.

Contudo, gostar de determinadas áreas não era o suficiente para evitar que em sua cabeça povoassem pensamentos do tipo “meu Deus, eu não quero isso”. Ao mencionar “isso”, estava referindo-se especialmente a duas disciplinas da área técnica com as quais, embora contasse com a ajuda dos professores, não conseguia se identificar e, segundo o que relatou sobre seu desempenho, nem poderia:

Eu sentava na aula, eu anotava tudo no meu caderno, só que eu chegava, eu via a prova e não entendia nada, nada, nada que tava escrito [...]. Eu fazia o exercício, eu estudava, fazia a prova inteira e tava tudo errado.

Como se não bastasse o sofrimento com o baixo rendimento, a certeza que tinha acerca da origem daquelas dificuldades, aumentava-lhe ainda mais a dor e o desespero:

Era muito culpa minha, sabe? Como eu vim de uma Escola Pública, eu nunca precisei estudar e eu não tinha a mínima ideia de qual seria o meu método pra estudo. Pegava meus cadernos e eu chorava em cima da cama, porque eu não sabia o que eu ia fazer.

Carregando sobre seus ombros muita culpa por não saber o método correto de estudar e sentindo-se a única culpada

por isso, foi, então, pouco a pouco, fechando-se em si mesma:



Eu não cheguei a falar com ninguém mesmo. Eu não cheguei a procurar ajuda de ninguém. Eu achei que eu ia tá incomodando alguém, se pedisse ajuda.

[...] eu não chegava a pedir ajuda de meus colegas, porque a maioria tava um pouco mais avançada do que eu e eu ficava com vergonha de não tá indo bem.

Eu nunca cheguei a ter alguém que perguntasse o motivo ou se eu tava bem [...]. Não que eles não fizessem isso, porque com alguns alunos, eu sabia que eles faziam e que eles conversavam [...]. Mas comigo, eu acho que por eu não ter me mostrado triste ou desapontada comigo mesma, ninguém chegou a falar sobre esse tipo de coisa.

Os problemas com a aprendizagem, todavia, não se restringiam às disciplinas da área técnica. Outras, da área propedêutica, deram bastante trabalho também. No entanto, o maior problema ainda não eram as disciplinas em si, mas a postura metodológica de alguns professores, conforme relatou:

Eu acho que a maior dificuldade que os alunos tiveram, pelo menos na minha turma, foi que mesmo que os professores sejam nossos amigos e sejam bem acessíveis, uma boa parte deles era um pouco inflexível na maneira de dar aula.

[...] a gente reclamou dele várias vezes, ele chegou a sair da turma, o que foi um alívio pra todo mundo, só que uma semana depois ele voltou, então todo mundo sentiu que não tava sendo ouvido, sabe? [...] Eu parei, simplesmente eu parei de ir na aula dele, porque eu tinha um ataque de ansiedade toda vez que eu tava perto dele.

Alguns outros professores eram um pouco mais difíceis, porque não podia chegar e ter uma dúvida meio aberta, digamos, sobre o que era a aula, sobre o que você não entendia. Tu tinha que ir com questões prontas e mostrar pro professor, pra ele te ajudar a resolver ou te ver resolvendo a questão e, às vezes, eu não sabia o que eu não sabia de tão confusa que eu tava e eu tinha meio que medo de chegar nesses professores.

Nesse movimento de ir revisitando seu caminhar pela formação em busca de respostas às questões que lhe iam sendo realizadas, recordou, num dado instante, ter vivenciado silenciosamente situações provocadas por alguns colegas, nas quais se sentia muito humilhada. Eram situações em nada condizentes com aquele ambiente que acreditava e, apesar dos problemas vividos, continua acreditando, ser “aconchegante”:

Por parte de alguns colegas, eu não fui bem recepcionada por ter dificuldade. Às vezes, eu falava alguma coisa e era... Ah! cala a boca, que é burra. Esse tipo de coisa... ah! uns bullying bem ruins.

O tempo foi passando, as notas baixas foram se acumulando e, não conseguindo recuperá-las, sentiu um

TRAJETOS E PROJETOS DE DAZAI OSAMU ... CONTINUAÇÃO

gosto amargo ao saber que teria de repetir o ano, situação que jamais havia experimentado. Sentindo-se muito mal, decidiu que ali já não poderia mais permanecer:

Eu acho que [...] o que mais contribuiu pra eu ter saído foi mais a minha questão psicológica, porque eu não tava me sentindo bem com as pessoas, não tava me sentindo bem de estar estudando, eu não tinha motivação nem pra entrar dentro da sala de aula, então, eu só fui desistindo, desistindo, acabei rodando em muita coisa e só quis sair, quando rodei de ano.

Ah! É difícil, porque tudo pesou bastante. Podiam ter sido acontecimentos pequenos em cada área, mas vai somando e chega uma hora que tu desiste. Mas eu acho que eu rodei de ano e eu pensei: meu Deus, vou ficar cinco anos aqui, no mínimo, gastando dinheiro dos meus pais e atrasando o curso.

Dazai Osamu acredita que ser jovem é “com certeza”

diferente de ser aluno, porque quando está entre amigos ou com seus pais não age “do mesmo jeito” como quando, por exemplo, estava “dentro da sala de aula” no IFSul, onde suas atitudes eram de uma aluna “extremamente centrada, que não fala nada, que fica quieta, que presta atenção, que copia tudo [...]”.

Ser jovem, para Dazai, é ter “mais energia” e ser “uma pessoa mais ingênua que não sabe muito da vida ou que tá disposta a aprender”. Contudo, pensa tratar-se de uma condição que não tem muito a ver com a idade, pois reconhece a existência de pessoas mais velhas do que ela, mas que “se comportam como se fossem mais jovens.”

Pela última vez, voltando o olhar às suas experiências de jovem-aluna no campus e fora dele, viu-se pegando a “van” às 5h45min da manhã, pois “era a primeira a subir”, e chegando no campus entre 15 a 20 minutos antes da aula começar. Contou que era geralmente um momento no qual “todo mundo se encontrava na cantina e esperava o professor passar ali na frente pra ir pra aula”. Guarda boas lembranças das quartas-feiras, porque era o dia em que “ficava os dois últimos períodos, geralmente na

quadra, jogando vôlei, fazendo algum esporte e sempre tinha alguém lá”. Diariamente, ao retornar da escola, “dormia”, já que acordava muito cedo e “era um pouquinho pesado”. Após o descanso, mesmo não possuindo um “método”, procurava manter uma rotina de estudos e “preferia sair pra rua, no sol, estudar”.

Àquelas últimas recordações acrescentou que “a estrutura do IF é muito boa pra uma escola”, que “tem sempre alguma coisa pra fazer, tem algum professor andando por ali, tem algum outro aluno, algum amigo [...] pra te entreter ali”; e em tom de lamento finalizou dizendo:

Mas lá eu acho que eu tava, eu tava no fundo do poço que nem dizem. Tava bem mal, tava triste.

Dazai Osamu, ao sair do IFSul, dirigiu-se a outra Instituição Pública e ali concluiu o Ensino Médio Regular. Atualmente, é estudante do curso superior em Nutrição na modalidade de distância, mora com seus pais e está à procura de trabalho, para tentar conseguir pagar o mesmo curso, mas na modalidade presencial. Diz sentir-se bem e feliz!

TRAJETOS E PROJETOS DE ANA CAROLINA (pseudônimo)



A última entrevistada, Ana Carolina, uma “moça jovem, mas uma moça casada há um ano”, conforme se auto descreveu, tem 19 anos e carrega consigo uma simpatia contagiante. Bastante comunicativa e habilidosa na maneira de expressar-se, fez com que o distanciamento do encontro na forma virtual fosse consideravelmente diminuído. Em resumo, pode-se dizer que foi um diálogo entusiasmado e serviu, sobretudo, como um contraponto aos diálogos realizados com os demais entrevistados, especialmente, em relação a sua saída da instituição.

Convidada a falar sobre como se deu o processo de decisão por um Ensino Médio Técnico no IFSul, contou que “sem sombra de dúvida”, os professores da Escola Municipal onde cursava o Ensino Fundamental foram os seus grandes incentivadores; e fez questão de citar, demonstrando profunda admiração e gratidão, os incentivos recebidos de duas professoras de Matemática, as quais, para além de suas jornadas laborais, doavam-se aos alunos preparando-os para a prova de seleção:

Elas foram maravilhosas. Maravilhosas mesmo. Inclusive, teve uma vez [...] que uma delas não poderia nos dar aula na escola e já tava no final e a gente tinha que pegar mais uns conteúdos. Eu acho que era até aniversário de um dos filhos dela. Ela nos levou pra casa dela, fez um café e deu uma aula maravilhosa.

Contou ainda que buscou em fontes diversas algumas informações acerca dos cursos ofertados que pudessem auxiliá-la na escolha de um deles. Após analisá-las, não teve “dúvida”, foi “certeira” no curso Técnico em Informática, com o qual achou que se “identificava mais”:

Eu fui pra Facebook, pesquisei no Google o que que se estudava num curso de Informática, o que que se estudava num curso de Mecatrônica e assisti alguns vídeos no Youtube.

[...] eu tinha amigos em comum que estudavam no IF [...]. Então eu conversei com eles, aí eu pedi um parecer. Um era de Mecatrônica e o outro de Informática. Eu conversei com eles e perguntei como funcionava, como era a questão das disciplinas. Eles me contaram e eu optei pela informática.

Quando chegou ao Campus Charqueadas, sentia um misto de felicidade e medo. Felicidade, claro, por ter conseguido a tão desejada vaga no curso que escolheu; e medo porque, além de ser “um universo completamente diferente” do que estava habituada, acreditava que não conseguiria se sair bem, já que “não entendia muita coisa” a respeito da área escolhida, a não ser o “básico do básico”. De toda forma, tinha consigo a expectativa de, concluindo a formação, “conseguir algum emprego na área da informática”.

Em todas as suas decisões pôde contar com o apoio e o incentivo incondicionais de seus pais. Destacou também a preciosa ajuda que recebeu do “dindo”, referindo-se carinhosamente ao seu padrinho, já que foi em sua casa que dispôs das ferramentas necessárias, inclusive, para a realização de suas primeiras atividades no curso:

Os meus pais sempre me apoiaram muito na questão do estudo, porque eles não tiveram essa

oportunidade. E aí eles me apoiaram demais, demais, demais. Não só eles, mas um dindo meu, porque na época que eu fiz a inscrição no IF, eu ainda não tinha internet em casa, não tinha computador. A gente tava vivendo uma situação bem complicada e eu lembro que ele se disponibilizou até para as primeiras atividades. Ele me emprestava o computador e a internet. Foi complicado, mas eu consegui. Aí, depois, com o tempo, eu coloquei internet na minha casa, consegui computador, as coisas foram melhorando.

Após os relatos acerca da decisão de estudar no IFSul e cursar o Técnico em Informática, passou a discorrer sobre como foi efetivamente a sua experiência de jovem-aluna. Segundo Ana Carolina, diziam que o primeiro ano seria “fácil”, “tranquilo”, mas depois ficaria “puxado” a tal ponto, que desejaria sair. Entretanto, com o passar do tempo, disse ter constatado que “a experiência pra cada um é diferente”, sendo a sua, por exemplo, “muito positiva”. Sair da Instituição ou desistir do curso jamais esteve em seus planos, pois sentia-se “muito acolhida”, gostava das interações com os colegas e conseguia vencer os desafios que iam surgindo:

Eu acho que o IF traz muito essa questão da diversidade e de acolher a pessoa, independentemente da crença dela ou de qualquer outro aspecto. E eu senti muito, muito, isso. Eu fui muito acolhida pelos colegas e pelos professores também. Claro que nem todos, a gente consegue ter uma afinidade tão grande, mas com alguns a gente cria alguma afinidade.

As lembranças positivas, eu acho que são com os colegas na grande maioria, né? Naquela agonia antes da gente fazer alguma prova, na incerteza de ter passado. A gente ficava discutindo ali no corredor resposta... ah! eu marquei tal questão ou aí a gente ficava com medo

4

TRAJETOS E PROJETOS DE ANA CAROLINA ... CONTINUAÇÃO

também quando chegava o resultado. Acho que são as melhores lembranças. As aulas também. Tiveram muitas aulas que marcaram.

Teve um momento marcante e foi quando a gente recebeu a nota do artigo [...], que costuma ser bem complicado de se fazer, ainda mais porque eu nunca tinha feito um artigo na vida e o meu grupo não foi cem por cento. Não foi todo mundo que ajudou, e a gente teve que se virar entre dois basicamente. E aí quando eu recebi a nota e eu vi que a gente tinha passado e tinha tirado uma boa nota, eu fiquei muito feliz. Então, marcou demais esse momento. Eu nunca tinha feito um artigo e, pra primeira vez, eu acho que a gente se saiu muito bem.

Na primeira vez que eu me deparava com o conteúdo, eu tinha um pouco de dificuldade. Mas era aquela coisa... às vezes, eu vinha no ônibus, eu pegava, eu revisava, eu repassava até entrar na cabeça.

Ponderando sobre a relação entre professores e alunos, especialmente diante dos desafios, das dificuldades e exigências atinentes ao curso, considera que não havia uma espécie de vítimas ou vilões. Cada situação é uma situação, exigindo que se observe em que medida as responsabilidades de cada um são efetivamente cumpridas:

Eu acho que depende do professor e vai depender do aluno também. Porque, às vezes, o aluno não presta tanto a atenção, quando o professor tá explicando. Aí ou ele fica no celular ou tá viajando e, enfim, tem toda essa questão. Eu acho que alguns professores, eles eram um pouco mais abertos e outros nem tanto, mas também ia depender do quanto o aluno se doava à disciplina.

Entretanto, há aquelas situações nas quais, não havendo mudança de postura ou de decisão por parte do professor, resta aos alunos apenas adequar-se a elas:

Eu nunca tive nenhum desentendimento com ele, nunca tive nenhum problema, mas é que cada pessoa tem uma didática também, cada um age de uma forma. Aquela era a dele e eu tentei me adequar, porque eu vi que ele não ia mudar. Ia ser daquele jeito, aí eu tentei me adequar ao que ia ser.

Já ocorreu da gente ter mais de uma prova ou trabalho e a gente conversar com o professor e explicar a nossa situação... olha, se tiver como mudar pra uma outra data, vai ser muito melhor. Alguns mudaram, alguns foram flexíveis e disseram: “Não, não tem problema, vou mudar.”. Outros disseram: “Não, não vou.”. E não mudaram e aí a gente teve que estudar.

Acerca da condição juvenil na Instituição, Ana Carolina entende que ser jovem e ser aluno “andam em conjunto”. Todavia, não se trata de um andar em conjunto de qualquer jeito, mas moldando-se às perspectivas de futuro:

Ser jovem não é fazer tudo o que a gente quer. Tem que ter um pouco de responsabilidade, porque todas as nossas ações têm uma consequência. E ser aluno também requer responsabilidade, porque, claro, tem aqueles momentos que a gente vai brincar, tem aqueles momentos que a gente não vai prestar tanto a atenção, mas tem um momento que a gente tem que parar e... não, agora eu tenho que focar porque meu futuro de-

pende disso.

A partir de uma comparação com o que já havia vivenciado antes de ingressar no IFSul, teceu ainda outros comentários sobre como os alunos na Instituição vivem a sua condição de jovem:

Eu acho que, com base nas outras escolas que eu já estudei, o IF foi o que trouxe mais essa questão do jovem. Claro, tem a questão do aluno e a questão do aluno também é pegada com força, mas também traz muito a questão do jovem. Traz a questão dos jovens nos projetos que ele incentiva, traz a questão dos jovens nas conversas, na relação da diversidade que foi o que mais me chamou a atenção, porque nas escolas pelas quais eu passei era tudo muito igual, era tudo do mesmo jeito, sabe? E a última escola que eu estudei teve muito mais a questão minha como aluna e não como jovem. É muito mais um negócio... mais robotizado. É mais a questão do aluno em si. Não tem tanto aquele contato, sabe? Eu acho que é importante. O IF acaba encaminhando a pessoa pra vida.

Embora considere que a questão do aluno no IF era “pegada com força”, acredita também que não era uma rotina que a impedia de viver sua juventude ou, de alguma forma, pudesse interferir negativamente. Em sua opinião “tudo tá na questão de saber conciliar”:

Claro que tinha dias que eu tinha que tirar um tempo a mais pra estudar, porque ocorria de ter mais de uma prova num dia, e eu precisava estudar e me dedicar um pouco mais. Mas é tudo uma questão da flexibilidade. Aí um dia eu estudava mais, aí outro dia eu não precisava estudar tanto. Eu acho que tudo tem essa questão, mas eu acho que não impedia a gente de viver a nossa juventude, de fazer o que a gente quer.

Ao final da entrevista, suas palavras voltaram-se aos fazeres institucionais em prol dos alunos. Considerando o que viu e sentiu, acredita que a intensificação de ações em algumas áreas pode ser crucial, inclusive, à prevenção das desistências:

[...] infelizmente, eu fui obrigada a sair por uma questão financeira. E acontece com muitos jovens também. [...] A gente tá vivendo num Brasil onde o desemprego cada vez aumenta mais. É uma situação bem complicada e eu acho que o IF, apesar de ter muito diálogo, ainda poderia ter mais. Porque diálogo é essencial. Poderia tratar mais essas questões, porque, às vezes, vai ser difícil pra um aluno chegar e dizer: olha, eu tô passando por situações de problema financeiro, eu não consigo mais me manter... Às vezes, é complicado pra um aluno chegar e dizer isso. Mas, por exemplo, se no começo do ano eles já trouxerem essa questão pros alunos novos: olha, por exemplo, se vocês passarem por uma situação semelhante [...] conversem, vamos ver o que que a gente pode fazer pra não perder mais alunos, sabe? E até mesmo aqueles alunos que estão com notas ruins, eu acho que, às vezes, não é só a questão dos professores ou a questão da dificuldade na matéria. Hoje em dia, a gente vê muito essa questão de problemas psicoló-

gicos relacionados à depressão, à ansiedade e, às vezes, até medo de apresentar trabalho. [...] Acho que tem toda essa questão psicológica também [...]. Eu acho que já tem essa proximidade, mas eu acho que ela pode ser um pouco mais íntima. Pode ter um pouco mais.

“Obrigada” a sair da Instituição, Ana Carolina e, porque não dizer, toda a família, passou pelo dissabor da experiência de deixar para trás o sonho de uma formação que vinha sendo realizada com tamanho afinho e comprometimento. Esses são os detalhes tocantes de sua desistência:

Eu recebia o auxílio alimentação e o auxílio transporte, mas com o aumento do preço do ônibus, eu usava o auxílio alimentação e o transporte pra pagar só o ônibus, e ainda tinha que colocar mais um valor em cima. A minha mãe era babá. Não era um emprego de carteira assinada, mas ela trabalhava e meu pai trabalhava também. Só que ocorreu da minha mãe perder o emprego e era, no caso, a quantia que minha mãe ganhava que me ajudava a pagar o ônibus. E aí a gente foi levando durante um tempo, só que eu lembro que foi uma época que o auxílio não tava vindo, nosso auxílio não tava vindo. Eu não lembro exatamente o que que ocorreu, e ficou uns meses sem vir, e [...] o ônibus que nos levava quase que dobrou o valor. Antes era em torno de duzentos, duzentos e pouquinho, e depois foi pra quatrocentos reais. E aí foi um valor muito absurdo, porque aí a gente só tava vivendo com o salário do meu pai, um salário mínimo; e tirar quatrocentos reais de um salário mínimo é uma coisa bem significativa, né? Não tinha mais condições.

Mirando mais uma vez o passado, Ana Carolina disse ter cursado e concluído o Ensino Médio Regular em uma Escola Estadual localizada na cidade onde morava e lamentou:

[...] depois que eu saí, eu senti muita falta. Senti falta, senti realmente muita falta e demorei um pouco a me adaptar à nova escola [...].

Apesar das rasteiras da vida, a jovem levantou-se, sacodiu a poeira e deu a volta por cima, conforme já cantaram algumas vezes. No momento, realiza estágio no Conselho Tutelar de sua cidade, é aluna do curso superior em Letras e tem como hobby escrever. Possui mais de dezesseis obras publicadas numa plataforma online, com mais de três milhões de leituras, já tendo sido premiada algumas vezes.



<https://st3.depositphotos.com/1001146/17721/i/1600/>

Nas entrelinhas...



Vista aérea do IF Sul — Campus Charqueadas

O reconhecimento da qualidade do ensino ofertado no IF Sul-rio-grandense e da qualidade de sua estrutura no Campus Charqueadas faz com que muitos tenham o desejo de estudar na instituição. Entretanto, nem sempre esse desejo parte dos próprios estudantes que, às vezes, não sabem sequer quais são os cursos ofertados e, quando sabem ou descobrem, também não sabem a fundo do que realmente tratam.

No caso dos jovens participantes da pesquisa, as influências recebidas vieram da parte de professores, da família e até de uma amiga. Influenciados, motivados, porém solitários no momento de decidir por qual curso optar, um deles, Paulo, decidiu-se por Informática, após seu primo falar-lhe a respeito do curso de Mecatrônica; o outro, João, optou por Informática considerando a sua condição física e algum conhecimento que já possuía na área; já a jovem Ana Carolina decidiu-se por Informática a partir do que pesquisou nas mídias eletrônicas e ouviu de amigos; enquanto Dazai Osamu, mesmo sem conhecer nada a respeito dos cursos ofertados, optou por Mecatrônica, porque tinha a certeza de que não queria Informática e também por considerar que os conhecimentos de seu pai na área de mecânica e eletrônica poderiam ajudá-la em algum tipo de dificuldade que viesse a passar.

Nas entrelinhas...

Há o que se melhorar em relação a divulgação dos cursos. Poderia ser um tipo de divulgação mais esclarecedor de suas especificidades do que de sua oferta em si.

É preciso que se fale mais a respeito do que é estudado, das suas exigências e das suas particularidades, para que as escolhas feitas sejam mais conscientes, tanto em relação ao curso a ser seguido, quanto em relação às perspectivas de atuação profissional na área depois de formado.

O estar no Campus Charqueadas, para os jovens pesquisados, teve um significado muito especial. Em linhas gerais, trata-se de um lugar aconchegante e acolhedor. Trata-se de um lugar onde a diversidade é bem vinda e

respeitada, de um lugar que tem uma estrutura física diferenciada, possibilitando aos jovens-alunos desenvolverem suas potencialidades seja no âmbito da formação, seja no âmbito das relações interpessoais. Enfim, um lugar onde se faz bastantes amizades e se tem com os professores uma boa aproximação.

Ser aluno dos cursos, entretanto, não significou a mesma coisa para todos. Para três dos entrevistados, as experiências foram muito difíceis. Sentiram muita dificuldade em lidar com o excesso de atividades de estudo, com a compreensão de determinados conteúdos e com a postura de alguns docentes. Para estes entrevistados, embora boa parte dos professores fossem próximos dos alunos, alguns eram bastante inflexíveis e tinham metodologias repetitivas e cansativas. Até para a entrevistada que estava conseguindo vencer os desafios da formação foi necessário, algumas vezes, adequar-se às posturas inflexíveis de alguns docentes. Tais dificuldades ficam bem marcadas nas falas que seguem: “ficava estressado”, “surtava”, “dizia meu Deus, eu não quero mais isso”, “apanhei bastante”, “saía da aula e não voltava”, “tinha meio que medo de perguntar”, “eu entrava na sala de aula, ficava quieto no meu canto”, “às vezes eu ia e não entrava na aula”, “hoje em dia a gente vê muito essa questão de problemas psicológicos, relacionados à depressão, ansiedade”.

Nas entrelinhas...

O ESTAR no campus e SER aluno dos cursos ali ofertados são coisas bem distintas. O mesmo espaço que tão bem acolhe o JOVEM, quando o assunto é ensinar e aprender, parece que se torna sisudo, podendo causar sérios transtornos em alguns JOVENS-ALUNOS.

Quando um jovem-aluno desiste do IF Sul...

Independentemente das responsabilizações, quando o assunto é a desistência de um projeto formativo, todos - Estado, sociedade, instituição e seus professores, alunos e suas famílias - são igualmente afetados:

- **Estado e sociedade** por não usufruírem dos recursos investidos, em forma de trabalho qualificado desses jovens;
- **A instituição e seus professores** por não conseguirem desempenhar eficaz e plenamente seu papel de agentes formadores e transformadores;
- **O jovem-aluno** por não conseguir concluir a formação pretendida;
- **E a sua família** por ter de lidar com a frustração de um sonho interrompido.